

A RELAÇÃO ARTÍSTICA E SOCIAL ENTRE MODA E ARQUITETURA

THE ARTISTIC AND SOCIAL RELATIONSHIP BETWEEN FASHION AND ARCHITECTURE

Paula Giacomoni Bragagnolo¹
Marina Seibert Cezar²

RESUMO

A moda e arte possuem uma relação bastante próxima que podem ser percebidas ao longo de suas histórias. Quando tratamos da quarta arte, a arquitetura, essa congruência não aparece somente nos pontos de origens e formais, mas na forma que seu usuário assimila cada uma delas em seu cotidiano. Se as duas andam juntas no mercado desde o início do século XX, no nosso dia-a-dia essa história é bem mais antiga. Não só modistas e arquitetos se utilizam das mesmas inspirações, tendências e técnicas, mas, suas aplicações na nossa vida, tanto visuais quanto inconscientes, exprimem o quão necessárias e básicas as duas disciplinas se apresentam, assunto que o presente artigo pretende abordar.

Palavras-chave: Moda. Arquitetura. Estética. Tendência.

ABSTRACT

Fashion and art are closely related along their history. When referring to the fourth art, architecture, this congruence not only appears in original and formal points, but the way the user assimilates each one in his daily life. If both walk together at labour market since the early XX century, within our day-to-day this history presents herself much older. Not only designers and architects use the same inspirations, trends and techniques, but their applications in our lives, both visual and unconscious, express how necessary and basics this subjects present themselves, main topic this article aims to address.

Keywords: Fashion, Architecture, Aesthetics, Trends.

¹ Graduanda em Arquitetura e Urbanismo (Unisinos) e Graduanda em Moda (Universidade Feevale).

² Mestre em Cultura de Moda (SENAC/SP) e doutoranda em Ciências Sociais (Unisinos).

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo assinalar algumas possíveis relações entre a arquitetura e a moda aplicada sob a percepção do usuário nos dois universos. Considerando ambas em um nível mais próximo de uma arte reprodutível do que aurática – esta última sendo considerada mais primorosa e extravagante do que a primeira – podemos observar semelhança tanto entre arquitetura e a própria indumentária, como no fenômeno da moda. As duas disciplinas produzem, essencialmente, um entendimento de necessidade ao seu usuário, fazendo com que percepção sobre estilos, formas e criações sejam nelas impressas. Para tal entendimento teórico, tem-se como metodologia, referencial especialmente bibliográfico, não só sobre as matérias específicas e a sua relação, como sobre o comportamento humano diante das tendências artísticas, pretendendo transparecer o quão dependente uma é da outra. E, por ser uma história cíclica, talvez tentar determinar qual das duas aparece primeiro pode ser uma batalha infértil.

2 A SOCIEDADE E A COMPREENSÃO DE ARQUITETURA E MODA

Quando falamos sobre as áreas de moda e arquitetura como artes relacionadas, muitos ainda subjagam a clara interseção das modalidades. Primeiro porque a arquitetura é ainda acreditada muito mais como construção ante sua importância estética. Ela ainda é levada como, quando arte, dura e pouco volátil, uma espécie de matemática aplicada e tocável. No entanto, Corbusier (1958, p. 9 apud CORREIA et al.), marcante personagem modernista na história arquitetônica e um dos maiores sustentadores do conceito da Bauhaus de que a forma segue a função, acredita que “a construção é para sustentar, a arquitetura é para emocionar”. Esse pensamento estratificado, embora já sendo contraposto pela arquitetura pós-moderna, é também desestabilizado por Botton (2006), quando insiste em criar vínculos emocionais com os lugares projetados.

Em outra esfera, a moda ainda não é considerada arte por muitos – mesmo alguns estudos já a encaixarem no nível de reprodutíveis. Somado a isso, ainda é muito embrionária

sua noção, em especial se comparada com a sua relacionada. Atualmente é vista como uma expressão social, como salienta Erner (2005, p. 246): “os vínculos entre os seres são cada vez mais frouxos, o individualismo parece dominar os comportamentos, e eis que a moda surge, como um refluxo, o coletivo”. Ela é muito mais próxima, física e psicologicamente, do seu usuário do que a arquitetura em si, mas é importante salientar que, enquanto uma nos veste, a outra veste o espaço ao nosso redor – também um importante segmento de construção da nossa personalidade.

Quando nos referimos ao essencial, buscamos salientar a finalidade bruta e inicial que as áreas tinham antes da estética e o fenômeno crítico-social. Na exposição *Skin + Bones: Parallel Practices in Fashion and Architecture* (HODGE, 2006, p. 02), é salientado que as áreas “compartilham a primordial função de promover abrigo e proteção para o corpo”, tornando sua relação quase simbiótica. De fato, inconscientemente associamos roupa e teto como necessidades básicas determinantes para a qualidade de vida, considerando que desde a pré-história os homens têm feito desta busca sua principal ocupação. Logo, sendo condicionantes indispensáveis para vários estudos demográficos regionais e federais. Erner (2005, p. 232) ainda sugere que “A necessidade da moda se inscreve obviamente entre esses dois polos: a vontade de nos tornarmos nós mesmos e o desejo de entrarmos em relação com o outro”. Essa interseção entre identidade e relacionamento também condiz com os preceitos básicos da arte arquitetônica: construir algo único, mas dentro de um contexto urbano.

No passado, quando o fenômeno moda não estava difundido, a entendida indumentária era a condição de vestimenta humana. Ainda assim, não deixava de imprimir o reflexo de seus usuários: o que se precisava saber de uma pessoa, como a classe social. A arquitetura, anteriormente, era de certa forma mais livre e respeitada, principalmente tratando-se de construções importantes. Mas a expressão dos menos privilegiados, que não dispunham de um arquiteto renomado e conceituado para sua moradia, e também vestiram suas terras na tentativa de construir um lar, fazendo parte da história arquitetônica. Todo tipo de arquitetura, assim como de indumentária, moldava a identidade de uma cidade, de regiões e, portanto, de seus habitantes com seus credos, economias e valores morais. Logo,

a semelhança ao nos vestirmos, como quando construímos é inexorável, uma vez que “ambas criam espaço e volume a partir dos materiais rasos, lisos e bi-dimensionais” (HODGE, 2006, p. 02).

Esta forte ligação com a construção da personalidade, assim como os mesmos pontos de origem, nos leva sob a ótica dos estilos e das tendências. Se as duas matérias possuem conexões tão claras com o processo de criação, é inevitável que se assemelhem visualmente ao longo de sua história. Observamos essa ligação desde a Grécia antiga, quando as colunatas jônicas e coríntias imitavam a delgada forma do corpo humano e a elegância dos drapeados; ou mesmo sob a percepção de Pezzolo (2013, p. 10), “nota-se também o sentido vertical gótico da arquitetura de templos e catedrais na criação de trajés. (...) No período renascentista (...) arcos e cúpulas inspiraram saias volumosas, armadas, sustentadas por armações circulares em forma de abóbodas”. Tudo isso nos faz acreditar que essas áreas estejam sob a influência de um espírito do tempo, o chamado *zeitgeist*, que idealistas como Hegel, segundo Caldas (2004), acreditavam pairar sobre o espaço. É a semelhança entre estilos arquitetônicos e certas preferências na indumentária, e o porquê de suas mudanças em faixas de tempo muito próximas que nos faz acreditar nesse contágio mental. Diante disso:

Portanto, interrogar-se sobre as possíveis causas de mudanças nos estilos implica também confrontar-se com a história do espírito humano. De fato, apenas as variações de estilos não são suficientes para dar um panorama completo das misteriosas conexões humanas e históricas, escondidas profundamente através da evolução da arte: “Um novo estilo surge quando é exigido pela mudança de conteúdo da consciência humana.” (KOCH, 2009, p. 07).

Para acharmos os motivos intrínsecos do usuário pela mudança de comportamento, caberia a nós uma análise minuciosa sobre uma extensa linha do tempo, e este não é o objetivo do artigo. A abordagem de Marx, segundo Caldas (2004), de que tudo se refere apenas à estrutura básica da sociedade, logo, sua economia, apesar de ser fundamentada (afinal a indumentária era a diferenciação básica de classes desde o início da instituição delas, assim como a condição de habitação), Lipovetsky contrapõe (1987, p. 4):

Há um século, tudo se passa como se o grande enigma da moda estivesse grosso modo resolvido; nada de conflitos básicos de interpretação; a corporação pensante, num belo esforço conjunto, adotou sobre o assunto num credo comum: a versatilidade da moda encontra seu lugar e sua verdade última na existência das rivalidades de classes, nas lutas de concorrência por prestígio, que opõem as diferentes camadas e parcelas do corpo social. (...) É preciso redinamizar, inquietar novamente a investigação da moda, objeto fútil, fugidio, “contraditório” por excelência, certamente, mas que, por isso mesmo, deveria estimular ainda mais a razão teórica.

No entanto, não basta apenas fundamentar a conexão no *zeitgeist*. Caldas (2004) acredita que tanto arquitetura quanto moda encaixam-se em uma “indústria do corpo”. São formadas, então, as três esferas da estética, que correspondem a seu usuário: “moda-design-arquitetura” ou “roupa-objeto-casa”. Quando questionado se arquitetura de fato se molda nessa relação devido sua escala muito maior, vale lembrar que desde a segunda geração modernista, os arquitetos buscam criar lugares ao invés de espaços, sendo que o primeiro é a interpretação humanizada do segundo, ou seja, com intervenção do homem, ambientado – assim também uma indústria corporal. Estas três esferas constroem a personalidade e a identidade visual de um indivíduo: o que vestimos, usamos e onde moramos fala muito do “eu interior”, ainda segundo Caldas (2004), mas principalmente a impressão que queremos passar de nós mesmos. Quando arquitetos e modistas se assemelham, não é apenas pelo uso das mesmas estruturas e referências, mas ambos imprimem sua visão do mundo nas suas criações.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Hoje estudamos arquitetura e moda como disciplinas distintas, inclusive direcionadas para públicos diferentes. É compreensível que ambas possuem técnicas e instruções que as caracterizam, mas é necessário entender que as duas partem de percepções comuns: ou a visual e estética, ou a social e psicológica. O estudo de uma é necessário para outra – e o não conhecimento da influência que exercem entre si descaracteriza e desmerece suas funções iniciais. Compreender a relação entre arquitetura e moda é compreender os hábitos

humanos, e nenhum profissional estará completo sem o conhecimento da própria sociedade.

REFERÊNCIAS

BOTTON, Alain de. **A Arquitetura da Felicidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

CALDAS, Dario. **Observatório de Sinais**. Rio de Janeiro: Editora Senac Rio, 2004.

CORREIA, Cláudia de Castro; BARBOSA, Rita Cláudia Aguiar; MOTA, Maria Dolores de Brito; SOUZA, Walkyria Guedes de. **Moda e arquitetura – conexões possíveis**. Universidade de Palermo. Disponível em:
<http://fido.palermo.edu/servicios_dyc/encuentro2007/02_auspicios_publicaciones/actas_diseno/articulos_pdf/ADC085.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2015.

ERNER, Guillaume. **Vítimas da Moda?** São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2005.

HODGE, Brooke (Org.). **Skin + Bones: Parallel Practices in Fashion and Architecture**. Nova York, 2006, 57 p. Disponível em:
<http://www.somersetshouse.org.uk/documents/skinbones_exhibition_guide.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2015

KOCH, Wilfried. **Dicionário dos Estilos Arquitetônicos**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do Efêmero**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

PEZZOLO, Dinah Bueno. **Moda e Arte**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2013.